



Vendas de carros alcançam 1 milhão

P6



Mercado de plantas medicinais acumula INR 145 bilhões

P5

Exportações agrícolas indianas acima de US\$ 20 bi em 2014

As exportações agrícolas indianas não duplicar, alcançando um valor de US\$ 20 bilhões nos próximos cinco anos, disse a agência de promoção das exportações do Ministério do Comércio. De acordo com estimativas da Autoridade para o Desenvolvimento das Exportações de Produtos Agrícolas e Alimentícios (APEDA, sigla em inglês), a participação das exportações indianas no mercado mundial crescerá, passando de 2% para mais de 5%.

“É muito importante aumentar as exportações para os países desenvolvidos,” disse o Diretor da APEDA, S. Dave, num encontro empresarial organizado pela Associação das Câmaras de Comércio e Indústria em Nova Delhi.

As exportações de produtos hortícolas frescos e transformados, frutas, animais e cereais cresceu 24% em termos de rupia com INR 390 bilhões em 2008-09. Em termos de dólares, essas exportações aumentaram 10%, com US\$ 8,67 bilhões.

“Os padrões de consumo estão mudando rapidamente no mercado internacional. Há um surgimento de produtos específicos, como alimentos funcionais, alimentos de conveniência, produtos dietéticos e produtos orgânicos,” disse Dave. “A Índia tem feito progressos consideráveis com comida pronta para consumo e produtos orgânicos, mas é necessário fornecer mais esforços para agregar valor.”

Governo visa 17.661 km de vias expressas

O Ministério da União de Rodovias e Transportes Rodoviários planeja construir uma enorme rede de vias expressas em 2022, no último ano do décimo-terceiro Plano Quinquenal. O Ministério pretende construir vias expressas em 3 fases — em 2012, 2017 e 2022 — e, portanto, elaborou um relatório provisório para uma rede prevista de 17.661 km de extensão.

O relatório propôs que o plano do governo de criação de vias expressas fosse efetuado com uma base de anuidade e parceria público-privada (PPP), e permissão para cobrança de pedágio. Na PPP, o relatório sugere dois planejamentos: A construção de vias rápidas em três fases — 2.665 km em 2012, 3.690 km em 2017, e 6.031 km em 2022 — ou a construção de 2.665 km em 2012, na primeira fase e 9.721 km em 2017, na segunda fase.

BRIC exige maior participação no sistema financeiro global

Ándia, China, Rússia e o Brasil são contra o protecionismo, ao mesmo tempo em que exigem uma maior influência no funcionamento das instituições financeiras globais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. “O protecionismo continua a constituir uma ameaça real para a economia global e deve ser evitado, tanto de forma direta quanto indireta,” disse um comunicado emitido pelos quatro países, referidos coletivamente como economias do BRIC.

O comunicado foi publicado após uma reunião de dois dias entre os Ministros das Finanças e os Governadores do Banco Central — principais responsáveis pela política econômica — dos países BRIC, no dia 4 e 5 de setembro em Londres. O Ministro das Finanças, Pranab Mukherjee, dirigiu a delegação indiana.

O comunicado afirma que as reformas regulamentares em curso nos sistemas mundiais financeiros e comerciais não devem impedir a circulação dos fluxos internacionais de capitais e investimentos.

“Acreditamos que os governos devem empenhar-se na conclusão rápida e eficaz da rodada de Doha da OMC de modo a assegurar um resultado ambicioso, abrangente e equilibrado,” disse ele. A Índia já tinha se comprometido formalmente a investir no FMI, de acordo com a proposta do Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh durante a Cúpula do G20 em abril. A Índia decidiu investir até US\$ 10 bilhões de suas reservas em notas promissoras emitidas



O Ministro indiano das Finanças, Pranab Mukherjee, (esquerda) e o Governador do RBI, Subba Rao, durante a reunião do BRIC em Londres

pelo FMI, disse Mukherjee após a reunião. No nível mundial, esta declaração marcou uma grande mudança do peso econômico da Índia, visto que, no início dos anos noventa, o país teve de procurar fundos do FMI. A promessa indiana é parte de um total de US\$ 80 bilhões que os quatro países do BRIC vão investir no FMI, a fim de reconstituir o fundo destinado aos países atingidos pela atual crise financeira. Em contrapartida, os quatro países têm procurado uma maior influência no funcionamento do FMI e em outras instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial, incluindo uma parcela maior de quotas e votação, disse o Ministro das Finanças do Brasil, Guido Mantega. O

Ministro norte-americano das Finanças, Timothy Geithner, juntou-se à reunião, uma iniciativa que, segundo Mukherjee, foi um reconhecimento da emergência do papel fundamental do grupo nas questões financeiras e de economia mundial.

Leia a seguir o texto do Comunicado:

Nós, Ministros das Finanças e Governadores de Banco Central do Brasil, Rússia, Índia e China encontramos-nos em Londres por ocasião da Reunião dos Ministros das Finanças e dos Governadores de Banco Central do G-20. Examinamos a situação da economia mundial, bem como as respostas políticas fiscais e monetárias nos países do BRIC.

Continuação na página 2

Reunião Ministerial sobre negociações na OMC em Nova Delhi

Nos dias 3-4 de setembro em Nova Delhi, foi realizada uma reunião ministerial com mais de 30 Ministros dos países membros da OMC, com o tema “Revitalização de Doha — Um Compromisso com o Desenvolvimento”. O Ministro da Indústria e Comércio da Índia, Anand Sharma, presidiu a reunião. O Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, representou o Brasil no encontro.

Descrevendo o resultado dos dois dias de reunião como um avanço, o Ministro do Comércio, Anand Sharma, disse que os principais representantes dos 153 membros da OMC devem se reunir em Genebra, no final deste mês, para futuras discussões.

“Chegamos a um acordo para intensificar as negociações. Houve um avanço, se é que posso usar essa expressão. O impasse foi resolvido,” disse Sharma.

Mais tarde, o Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh elogiou os Ministros do Comércio pelo progresso alcançado na reunião, durante uma interação com os mesmos em sua residência. Ao mesmo



O Ministro da Indústria e Comércio Anand Sharma (esquerda), o Ministro sul-africano da Indústria e Comércio Dr. Rob Davies (direita) e o Ministro brasileiro das Relações Exteriores, Celso Amorim, em Nova Delhi, em 4 de setembro

tempo, houve também uma compreensão de todos os quadrantes que todas essas diferenças deveriam ser resolvidas com um sistema de comércio multilateral saudável, e também devido ao prazo de 2010 para a Rodada de Doha, disseram os diplomatas. Estiveram presentes na reunião o Diretor Geral da OMC, Pascal Lamy, o Representante de Comércio dos EUA, Ron Kirk, o Ministro do Comércio e Indústria da África do Sul, Dr. Rob Davies e o Ministro

australiano do Comércio, Simon Crean. No ano passado em Genebra, as negociações novamente fracassaram devido às divergências sobre o mecanismo especial de salvaguarda — uma disposição que permitiria aos países em desenvolvimento se proteger contra picos repentinos nas importações, ou quando houvesse um declínio dos preços das commodities.

Discursando na Reunião Ministerial no dia 3 de setembro, o Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, disse que somente um processo de negociação transparente e inclusivo terá a legitimidade necessária para construir um consenso e preencher as lacunas que permanecem. Acrescentou: “O processo de negociação, bem como o resultado da Rodada, deve ser coerente com uma ‘rodada de desenvolvimento’”.

À margem da reunião, o Ministro da Indústria e Comércio, Anand Sharma, reuniu-se com seu homólogo sul-africano Dr. Rob Davies e o Ministro brasileiro das Relações Exteriores, Celso Amorim, para o encontro do IBAS no dia 4 de setembro.

BRIC exige maior participação no sistema financeiro global

Continuação da página 1

Trocamos opiniões e propostas sobre a Reunião Ministerial do G-20, bem como sobre a agenda e os resultados esperados da próxima Cúpula dos Líderes do G-20. Tomamos nota do papel fundamental que o G-20 desempenhou como ponto focal na coordenação das respostas internacionais à crise mundial e trocamos opiniões sobre a reforma das instituições financeiras internacionais.

Congratulamo-nos com os primeiros sinais de que a economia global está começando a se recuperar e que o pior da crise pode já ter passado. Ao contrário de outras crises, as economias emergentes demonstraram uma capacidade de recuperação e ajudaram a economia mundial a absorver o impacto da deterioração do comércio, dos fluxos de crédito e do consumo. Em muitos destes países, o crescimento está novamente no caminho certo após alguns trimestres de recessão. Tomamos a decisão de encomendar um estudo a nossos Ministérios das Finanças e Bancos Centrais no que diz respeito ao futuro próximo da economia mundial e ao papel dos BRICs.

Apesar destes sinais positivos, ainda é muito cedo para declarar o fim da crise. A economia global enfrenta ainda muitas incertezas e riscos significativos continuam ameaçando a estabilidade econômica e financeira. Uma recuperação sustentável requer uma base mais sólida. Em grande medida, a força da reviravolta recente resulta da resposta sem precedentes por parte dos governos e da determinação em restaurar a estabilidade e crescimento. Os países do G-20 devem continuar a adotar políticas anticíclicas no âmbito fiscal e monetário, de maneira sustentável e coordenada internacionalmente, e a tomar medidas eficazes para prevenir riscos econômicos potenciais, respeitando as condições particulares de cada país.

Em particular, é preciso fazer muito mais para enfrentar a ameaça que pesa sobre muitos pequenos países de média renda (PRM) e de baixo rendimento (PBR) que continuam atrasados no processo de desenvolvimento, devido à menor capacidade de resposta à gravidade da crise e de adaptação ao novo cenário econômico mundial.

Além disso, percebemos que a redução das diferenças de desenvolvimento entre países avançados e países em desenvolvimento é de grande importância para alcançar um crescimento global, sustentável e mais equilibrado. Proporcionar um processo inclusivo de crescimento na economia mundial é uma questão de justiça, não só fundamental, mas também de importância estratégica para a estabilidade econômica e política mundial.

O protecionismo continua a ser uma ameaça real para a economia global e deve ser evitado, tanto de forma direta quanto indireta. As reformas regulatórias em curso no setor financeiro não devem impedir o fluxo internacional de capitais e investimentos. Caso contrário, arriscamo-nos a comprometer a esperada recuperação da economia mundial. Acreditamos que os governos devem trabalhar em direção à conclusão rápida e bem sucedida da Rodada de Doha na OMC, de maneira a assegurar um resultado ambicioso, abrangente e equilibrado.

Temos consciência de que reformas sustentáveis e permanentes ainda devem ser implementadas em várias frentes. O mundo precisa de uma arquitetura econômica e financeira que seja justa, equitativa, inclusiva e bem governada. Não podemos perder a oportunidade de mudar as práticas internacionais, regras e estruturas de governança para que a economia global possa resistir melhor às crises futuras. Há uma grande necessidade de um sistema monetário internacional estável e previsível. Saudamos as medidas tomadas pelos países do G-20 para identificar e eliminar as deficiências nacionais e internacionais na regulação e supervisão dos mercados financeiros. Continuamos comprometidos com o progresso de nossos próprios sistemas nacionais e a promoção da cooperação internacional. Esperamos que todos os países do G-20 intensifiquem os esforços para reformar o sistema financeiro e não voltar a normas financeiras irresponsáveis e a uma supervisão deficiente. Quanto às jurisdições não-cooperativas, salientamos a necessidade de abordar esta questão com base em critérios qualitativos mais sólidos do que as medições quantitativas superficiais sobre a partilha de informação.

A reforma das instituições financeiras internacionais é fundamental para garantir uma economia global, estável e equilibrada. Para o FMI e o Banco Mundial (BM), o principal problema de governança, que prejudica gravemente sua legitimidade, é a injusta distribuição de quotas, ações

e poderes de voto. A prioridade tem de ser a mudança substancial das quotas e ações em favor dos mercados emergentes e dos países em desenvolvimento. Propomos a criação de uma meta para mudar a regra dos 7% no FMI e 6% no Banco Mundial (BM), de modo a alcançar uma distribuição equitativa do poder de voto entre os países industrializados e em desenvolvimento. Isto faria com que a quota global dos mercados emergentes e países em desenvolvimento, no FMI e no Banco Mundial (BM), correspondessem aproximadamente à participação no PIB mundial.

Reiteramos nosso apoio a uma seleção aberta e baseada no mérito para a administração do FMI e do BM. O próximo Diretor Geral do FMI e próximo Presidente do BM devem ser eleitos de forma independente da nacionalidade ou de qualquer preferência geográfica. Apoiamos também a revisão da composição das diretorias do FMI e do Banco Mundial (BM), do CMFI e do Comitê de Desenvolvimento para permitir uma representação mais adequada dos mercados emergentes e países em desenvolvimento.

Apoiamos apenas as propostas de reforma que não aprofundariam a atual sub-representação dos países emergentes e países em desenvolvimento ou que não distorceriam ainda mais o processo de tomada de decisão interna no seio das instituições financeiras internacionais. Assim, não somos a favor de medidas que possam levar a uma mudança no estatuto de membro permanente ou, de outra forma, que possam enfraquecer os Conselhos Executivos, que são vitais para a responsabilidade, integridade e boa governança do FMI e do BM. No FMI, não somos favoráveis à negociação para substituir o CMFI por um conselho ministerial, considerado uma instância decisória ponderada pelo voto. Com os poderes de voto que prevalecem no Fundo, o Conselho seria um órgão menos representativo do que o consensual CMFI. O aumento da participação dos Ministros e Governadores em questões relacionadas com o FMI seria conseguido de melhor forma através do aprimoramento do funcionamento do CMFI.

Saudamos os progressos que têm sido feitos no reforço da capacidade de empréstimo do FMI. Reiteramos nossa opinião de que o financiamento imediato do FMI, aceito na Cúpula do G-20 em Londres, deve ser implementado

através de medidas temporárias e de forma que não prejudique a próxima revisão das quotas, a ser concluída em janeiro de 2011. Para nós, notas promissórias ou títulos do FMI são as melhores opções para fornecer recursos imediatos sem prejudicar o processo de reforma de quotas. Contribuímos com US\$ 80 bilhões para complementar os recursos do FMI. Propomos que a próxima revisão das quotas, pelo menos, duplique o valor total das quotas.

Acreditamos que o BM também queira uma revisão da base de capital, a fim de cumprir um papel anticíclico eficaz, especialmente no financiamento do comércio exterior, e no mandato de desenvolvimento a longo prazo. Além disso, é preciso urgentemente fixar limites menos rígidos para cada mutuário e fornecer novos financiamentos para projetos de infra-estrutura nos países de renda média e baixa. Tomamos nota da necessidade de expandir a base de capital como também de melhorar a eficiência e a transparência da estrutura de governança do BM. Propomos combinar aumentos seletivos de capital e, se necessário, com um aumento geral de capital, a fim de reforçar a capacidade de empréstimo da instituição.

Esperamos um resultado positivo na conferência da ONU sobre a mudança climática em Copenhague no final deste ano. Reafirmamos que a CQNUMC deve ser o principal canal de negociações internacionais de financiamento das políticas climáticas, e a discussão sobre as políticas climáticas deve ser coerente com os princípios da UNFCCC, do Protocolo de Quioto e do Plano de Ação de Bali, especialmente o princípio de responsabilidades comuns, porém diferenciadas.

Atribuímos uma grande importância à consolidação do G-20. Considerado um fórum de líderes, o G-20 estabeleceu-se como um mecanismo eficaz para as deliberações e decisões internacionais sobre assuntos econômicos e financeiros globais. Acreditamos que este papel deve ser reforçado e consolidado, melhorando a governança interna do G-20 e estabelecendo regras claras e procedimentos de trabalho, para avançar apenas em questões sobre as quais existe um consenso claro. Comprometemo-nos a prosseguir estes objetivos e a reforçar o diálogo e a cooperação entre nossos quatro países.

Declaração à Imprensa do MF Mukherjee

O Ministro das Finanças, Pranab Mukherjee, fez uma declaração à imprensa após a Reunião dos Ministros das Finanças do BRIC em Londres. **Leia a seguir o texto da declaração:**

Os países do BRIC reuniram-se em Londres para trocar opiniões livres e francas sobre os países emergentes e o mundo no âmbito da crise econômica mundial. Examinamos as medidas tomadas e as ações a serem tomadas para estabilizar a economia global e os mercados, e o papel que os BRICs podem desempenhar.

Reconhecemos que o G-20 emergiu como um dos principais fóruns multilaterais para tratar de questões financeiras e econômicas. Elogiamos o papel importante e eficaz do G-20 para aliviar o mundo da maior recessão mundial sincronizada desde a Grande Depressão.

O G-20 induziu os governos a adotarem uma postura monetária e fiscal agressiva, e foi particularmente bem sucedido nas reformas das instituições financeiras internacionais que desempenharam um papel importante na estabilização dos mercados dos países em desenvolvimento. A Índia decidiu investir até US\$ 10 bilhões de suas reservas em notas promissoras emitidas pelo FMI. Os mercados emergentes não foram responsáveis pela atual crise financeira, visto que os sistemas financeiros estavam regulamentados de maneira conservadora. Porém, as perspectivas de crescimento foram bastante danificadas. Congratulo-me pelo fato que os países do BRIC lideram a recuperação global.

Espero que a Índia cresça 6-7% em 2009-2010, na onda das fortes medidas fiscais e monetárias tomadas pelo banco central que baixou repetidamente as taxas básicas de juro de até 425 pontos-base em um curto período, após o desastre

de Lehman. O Governo também tentou compensar a queda da demanda privada por meio de um estímulo fiscal equivalente a 3-4% do PIB em 2008-09 e que será mantido em 2009-10.

Porém, um retorno a uma trajetória de crescimento de 9% que seja sustentável, dependerá da estabilização dos mercados ocidentais. A recuperação seria muito mais fácil se o comércio internacional permanecesse aberto. Neste contexto, estamos interessados em concluir rapidamente e com êxito as negociações, atualmente paralisadas, da Rodada de Doha.

Os mercados emergentes também precisam se proteger contra certas tendências, em alguns países desenvolvidos, de ampliar o protecionismo, além do comércio, nos mercados financeiros e de investimento, o que poderia prejudicar coletivamente não só o crescimento dos países em desenvolvimento, mas também o bem-estar duramente adquirido na globalização.

O aumento de recursos das instituições financeiras internacionais deve ser rapidamente seguido por uma duplicação de recursos por quota e capital social, que por sua vez, deve ser visto como uma oportunidade para atingir a paridade entre economias avançadas, economias emergentes e países em desenvolvimento, o que refletiria melhor a atual realidade econômica. A difícil questão das quotas, voz, representação e da reforma de governança nas IFIs prosseguirá apenas com um forte compromisso político.

O FMI não pode sair da crise inalterado. A estabilidade financeira deve ser incluída no mandato para institucionalizar o relacionamento com o Conselho de Estabilidade Financeira. Isso deve levar a uma vigilância mais imparcial de todas as economias sistemicamente importantes.

■ A HISTÓRIA DA ÍNDIA NA MÍDIA GLOBAL

Sangue novo na mais antiga bolsa de valores indiana

Durante os primeiros 100 dias de trabalho na Bolsa de Valores de Bombaim (BSE), Madhu Kannan não perdeu tempo, buscando deixar sua marca na mais antiga bolsa de valores da Índia. Com 37 anos de idade, Madhu Kannan, o mais jovem diretor executivo do mercado indiano, visitou todos os centros de operações da BSE, no distrito de Fort em Mumbai, para tentar avaliar como mudar para melhor a fortuna da BSE.

"Passei os últimos três meses analisando os desafios... Agora, tentamos montar a estratégia para resolver os problemas," disse ele. Contratar um jovem diretor executivo, ele tinha 36 anos de idade quando assumiu - mostrou a profunda mudança ocorrida na BSE, mas também enfatizou a necessidade de reformar a bolsa.

Fundada em 1875, a bolsa de valores manteve um quase monopólio durante mais de um século até o lançamento da National Stock Exchange nos meados da década de noventa. Uma melhor execução das transações, melhores contactos com os clientes e, sobretudo, uma nova tecnologia permitiram à NSE conquistar a maior parte do mercado.

O volume de transações financeiras do índice Sensex de Bombaim se manteve em 21,5 milhões enquanto o Nifty da NSE alcançou 186 milhões no mesmo dia.

Recentemente, novas empresas como MCX-SX, uma plataforma de transações controlada pelo empresário Jignesh Shah, esboçaram planos para exercer competências que pertencem à BSE.

FINANCIAL TIMES

Madhu Kannan, que foi criado na Índia mas passou a maior parte da carreira nos Estados Unidos - faz questão de lembrar que competição é bom para os negócios. Durante uma década, ele trabalhou na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE) antes de acompanhar John Thain na Merrill Lynch.

Chama a si mesmo de vendedor. Ele certamente fala o jargão de fogo rápido e "não me chame de senhor", seduzindo com sua informalidade, mas com o peso da responsabilidade, fica atento ao que transmite. "O fato de estar aqui há muito tempo não nos deve fazer esquecer que podemos mudar de endereço... Estou trabalhando numa start-up que tem 135 anos."

Afirma que ao trabalhar na NYSE, ele teve a oportunidade de observar a BSE do exterior. "Descobri alguns problemas e desafios, mas também percebi o potencial."

Madhu Khannan afirma que a Índia atravessa um período de transição - no ano passado, a economia cresceu 6,7% — e ele acredita que o mercado indiano de valores está a altura de iniciar a próxima fase de desenvolvimento. O índice Sensex da BSE cresceu, até agora, mais de 60% nesse ano.

Um de seus primeiros passos, foi a adoção de relatório financeiro trimestral.

Também reaqueceu os ânimos da equipe dirigente da BSE. Em junho, a BSE anunciou a chegada de Sayee Srinivasan, vindo da Chicago Mercantile Exchange e da NSE,

para chefiar a estratégia produto.

Com dez anos de experiência no Securities Exchange Board da Índia, Nehal Vora deixou a DSP Merrill Lynch para dirigir o planejamento e assuntos políticos a partir de julho. Entretanto, James Shapiro, que atuou na NYSE e no banco de investimento Galileo Global Advisor, foi contratado para chefiar o desenvolvimento do mercado.

Todas as pessoas nomeadas têm o conhecimento necessário para desenvolver novos produtos, indicando claramente a via que a BSE quer tomar.

Madhu Kannan afirma que, neste momento, a prioridade é melhorar a tecnologia, vista como essencial para inovar e orientar os esforços para a relação cliente.

Ele também espera aproveitar os laços existentes da BSE com a bolsa de valores de Cingapura e a Deutsche Börse, ambas compraram participações no mercado indiano de valores em 2007.

A BSE declarou recentemente que compraria uma participação de 15% na United Stock Exchange, mercado orientado para o desenvolvimento dos mercados derivados de câmbio e de taxa de juro - que são ainda mercados novos na Índia.

Madhu Kannan é realista no que se refere à velocidade de crescimento da BSE. Gosta de recordar que levará um tempo antes que a Bolsa de Bombaim procure maiores parcerias no exterior ou tente ser cotada como muitos sugeriram que aconteceria.

Para ler a história completa, acesse: <http://www.ft.com/cms/s/0/853dd80c-90ce-11de-bc99-00144feabdc0.html>

Google predomina na Índia e no Brasil

É difícil negar que Google tenha o domínio da Internet nos Estados Unidos, onde a empresa é responsável por dois terços de todas as buscas feitas na Internet, possui o YouTube, que é dez vezes mais popular do que seu concorrente mais próximo, e é número um em áreas como mapas e bloggers. No total, os usuários da Internet nos Estados Unidos passam 9% do tempo usando algum serviço de Google, de acordo com a empresa ComScore. Mas há lugares onde Google é ainda mais dominante. É principalmente na Índia e no Brasil, segundo os novos dados da comScore, publicados pelo New York Times. Nesses países, para cada hora passada on-line, cerca de 18 minutos são num serviço Google.

Para ser exato, Google representa quase 30% dos minutos on-line gastos por uma pessoa no Brasil e quase 29% na Índia. Em terceiro lugar, em termos de domínio de Google, encontra-se a Irlanda, com 16%.

A média global fica em 9,4%, ligeira-

The New York Times

mente maior do que nos Estados Unidos.

A liderança de Google sobre seus rivais no Brasil e na Índia resulta em parte de uma anomalia: sua rede social, Orkut, que tem fracassado em praticamente todas as partes do mundo, é número um, em ambos países. Mas Orkut é apenas uma parte dessa história.

No Brasil, Google captura quase 90% de todas as buscas, 71% do tempo gasto em mapas (comparado com apenas 42% nos Estados Unidos) e 43% do tempo passado em blogs (comparado com 30% nos Estados Unidos). Na Índia, representa 88% das buscas, 64% dos mapas e 48% dos blogs. As contas de Gmail representam a metade do mercado indiano de correio eletrônico, contra 6,4% nos EUA.

Andrew Lipsman, diretor de análise do setor na comScore, disse que o domínio do Google nesses países tem

razões históricas. Embora fiquem em lados opostos do mundo, no caso da Internet, Índia e Brasil se desenvolveram paralelamente, disse ele. "Parte da explicação está no fato de que Google surgiu em cena no momento em que esses mercados estavam se desenvolvendo," diz Lismam. "À medida que Google se tornou o instrumento de busca padrão, a marca se estendeu para os outros serviços."

Naturalmente existem outros países onde Google não conseguiu superar marcas locais - especialmente na China, o maior mercado da Internet em termos de número de usuários, onde fica atrás de Baidu, e na Rússia, onde Yandex é o instrumento de busca dominante. Mas, globalmente, a Índia está em 7º lugar, e o Brasil em 9º, no uso da Internet. E são dois dos mercados que crescem com maior rapidez.

Para ler a história completa, acesse: <http://bits.blogs.nytimes.com/2009/09/14/where-google-is-really-big-india-and-china/?scp=2&sq=india&st=cse>

FINANCIAL TIMES

A mais antiga bolsa indiana

Durante os primeiros 100 dias de trabalho na Bolsa de Valores de Bombaim (BSE), Madhu Kannan não perdeu tempo, buscando deixar sua marca na mais antiga bolsa de valores da Índia. Com 37 anos de idade, Madhu Kannan, o mais jovem diretor executivo do mercado indiano, visitou todos os centros de operações da BSE, para tentar avaliar como mudar para melhor a fortuna da BSE.

Fundada em 1875, a bolsa de valores manteve um quase monopólio durante mais de um século até o lançamento da National Stock Exchange nos meados da década de noventa. Uma melhor execução das transações, melhores contactos com os clientes e, sobretudo, uma nova tecnologia permitiram à NSE conquistar a maior parte do mercado. O volume de transações financeiras do índice Sensex de Bombaim se manteve em 21,5 milhões enquanto o Nifty da NSE alcançou 186 milhões no mesmo dia. Recentemente, novas empresas como MCX-SX, uma plataforma de transações controlada pelo empresário Jignesh Shah, esboçaram planos para exercer competências que pertencem à BSE.

Criado na Índia, Kannan passou a maior parte da carreira nos EUA — faz questão de lembrar que competição é bom para os negócios. Durante uma década, trabalhou na NYSE antes de acompanhar John Thain na Merrill Lynch.

Para ler a história completa, acesse: <http://www.ft.com/cms/s/0/853dd80c-90ce-11de-bc99-00144feabdc0.html>



Harley-Davidson na Índia

Harley-Davidson declarou que planejava iniciar venda de motocicletas na Índia no próximo ano, deixando claro sua intenção de explorar o mercado asiático em rápido desenvolvimento, para compensar as perdas acumuladas nos Estados Unidos.

Com uma taxa de crescimento de 15%, o mercado motociclístico indiano deve ajudar Harley a inverter as perspectivas negativas de venda, registradas em julho após a forte queda no mercado norte-americano e mundial, devido à crise financeira.

"Dado o rápido crescimento da economia e à infra-estrutura física indiana, este é o momento certo para trazer algumas das maiores motocicletas do mundo para uma das maiores nações do mundo", declarou o Presidente de Harley, Matthew Levatic.

Para ler a história completa, acesse: <http://www.ft.com/cms/s/0/4022615e-936a-11de-b146-00144feabdc0.html>



O Presidente da Mongólia, Tsakhiagiin Elbegdorj, recebido pela Presidente Pratibha Devisingh Patil em Nova Delhi, 14 de setembro.



A Ministra das Relações Exteriores da República de Bangladesh, Dipu Moni, recebida pelo Primeiro Ministro, Dr. Manmohan Singh, em Nova Delhi, 8 de setembro.



O Primeiro Ministro, Dr. Manmohan Singh, recebendo o Primeiro Ministro da Dinamarca, Lars Lokke Rasmussen, em Nova Delhi, 11 de setembro.



O Enviado Especial de Gana, Ato Ahwoi, recebido pelo Primeiro Ministro, Dr. Manmohan Singh, em Nova Delhi, 10 de setembro.

Maiores expectativas de contratação na Índia

Os empregadores indianos estão muito otimistas em termos de contratação e as pessoas que procuram um emprego vão se beneficiar de um mercado de trabalho ativo até o final do ano, revela a empresa global de serviços em recursos humanos, Manpower Inc.

"Com um índice de Net Employment Outlook registrando +25%, os empresários indianos foram os mais otimistas entre os 35 países da pesquisa," afirma a 'Manpower Employment Outlook Survey', publicada no dia 8 de setembro.

As perspectivas indianas aumentaram 6% em comparação ao trimestre anterior, mas caíram 14% em comparação ao quarto trimestre do ano passado.

No trimestre passado, o índice Net Employment Outlook foi de 8% na China, 5% no Canadá e negativo nos Estados Unidos e na Grã Bretanha.

"Observamos uma forte tendência à contratação em todas as regiões da Índia. As regiões norte, leste e oeste demonstraram sinais de melhoria comparado a três meses



atrás," disse o Diretor Gerente de Manpower India, Naresh Malhan.

"Os empregadores indianos assumiram as demissões temporárias do terceiro trimestre do ano civil de 2008 e declararam que vão iniciar novas contratações em ritmo moderado, mas pretendem manter intacta a força de trabalho das empresas até o final do ano," disse Malhan.

A boa notícia é que as pessoas que procuram emprego nos setores chave da

indústria podem esperar melhores condições de contratação."

Nos setores de finanças, seguro, bens imóveis, serviços, varejo, administração pública, educação e minas haverá melhores expectativas de emprego.

"Presenciamos também um ritmo acelerado de contratação nos setores da mineração e da construção, devido aos esforços do governo para apoiar projetos de infraestrutura," disse Malhan.

Além da Índia, as mais otimistas perspectivas de emprego foram registradas no Brasil, China e Austrália.

"80% dos empregadores europeus declararam que pretendem manter o mesmo quadro de pessoal, o que deveria levar à estabilidade do mercado de trabalho no quarto trimestre," disse Malhan.

"Por toda a Europa, o setor manufatureiro deve continuar a enfrentar dificuldades. É ainda mais óbvio na Alemanha onde as expectativas de contratação dos empresários desaceleraram pelos sexto trimestre consecutivo."

Líderes informáticos assinam contrato de US\$ 1,5 bilhão

Os líderes indianos em Tecnologia da Informação, Tata Consultancy Services (TCS), Infosys



Technologies e Wipro Ltd., além de dos gigantes mundiais IBM e Accenture, assinaram um contrato de cinco anos, no valor de US\$ 1,5 bilhão, com BP (British Petroleum), terceira maior empresa mundial de refinaria de petróleo.

Os seis parceiros foram escolhidos entre 40 fornecedores para este contrato bilionário, afirmou BP. "Iniciamos um processo de 12 meses, destinado a examinar os parceiros potenciais e as empresas selecionadas para trabalhar conosco... Acreditamos que os seis fornecedores escolhidos tenham a dimensão e o alcance global necessários para nossas exigências informáticas," disse o porta-voz de BP, acrescentando que a empresa ofereceu um orçamento de tecnologia da informação de US\$ 2 bilhões (em 5 anos) para empresas terceiras.

Apesar de BP não querer comentar cada acordo, sabe-se que cada empresa firmou com BP contratos de outsourcing no valor de US\$ 100 milhões. Graças aos contratos, a empresa britânica conseguirá economizar US\$ 500 milhões em cinco anos, disse o porta-voz.

O líder petrolífero é um dos 10 maiores clientes de TCS, Wipro e Mahindra Satyam e um dos 20 maiores de Infosys.

Entre os contratos assinados por todas estas empresas, Infosys administrará negócios de produção, exploração e abastecimento integrado, enquanto operará grande parte dos processos de negócios de BP.

Infosys BPO forma parceria nos EUA

Infosys BPO, a subsidiária de terceirização de processos de negócios de Infosys



Technologies, formou uma parceria com MortgageFlex Systems para prestar serviços à indústria hipotecária nos Estados Unidos.

MortgageFlex Systems é um fornecedor de soluções tecnológicas para a indústria norte-americana de hipotecas.

A parceria Infosys-MortgageFlex prestará serviços de modificações de empréstimo no quadro do programa Home Affordable Modification Programme (HAMP) ou no quadro de programa alternativo de modificação de empréstimo.

"Graças à parceria com MortgageFlex, poderemos oferecer um produto exclusivo no mercado norte-americano. A combinação de recursos e tecnologias de negócios permitirá que os emprestadores concorram eficazmente com os dinâmicos mercados emergentes," disse Ritesh Idnani, Diretor Comercial de Infosys BPO.

Influxos de IDE alcançam US\$ 10 bilhões

Os influxos de capitais de Investidores Institucionais Estrangeiros (IEEs) nos mercados mobiliários indianos alcançaram US\$ 10 bilhões nesse ano fiscal. Após terem retirado US\$ 11,54 bilhões dos mercados mobiliários indianos em 2008-09, os IEEs realizaram investimentos no valor líquido de US\$ 10 bilhões nos primeiros seis meses (de abril a setembro) de 2009-10. A maior parte destes investimentos provem mais do mercado primário do que dos mercados secundários. Até 68%, ou seja US\$ 6,8 bilhões, do total dos influxos de IEEs tiveram destinos semelhantes, tais como 'Qualified Institutional Buyers (QIBs), ofertas públicas de ações e participações privadas. Os



US\$ 3,17 bilhões de influxos restantes foram investidos nas bolsas de valores, de acordo com dados da BSE e NSE.

Os riscos menores na compra de ações no mercado primário e a disponibilidade de grandes quantidades de títulos em promoção explicam a tendência dos IEEs em investir via QIBs e câmbio. Nilesh Shah, Assistente do Diretor Geral de ICICI

Prudential, afirma que os IEEs podem comprar títulos de qualidade no mercado primário, com preços estipulados, e menor impacto no custo. Comprar no mercado secundário aumenta o impacto no custo, uma vez que os preços das ações aumentam com cada ordem de compra.

Os IEEs investiram INR 223,33 bilhões em 29 empresas via QIBs; estas empresas foram avaliadas em INR 319,13 bilhões, ou seja 43% a mais que o valor das ofertas.

A desvalorização da rupia diante do dólar ajudou os investimentos dos IEEs a ultrapassar US\$ 10 bilhões. A rupia desvalorizou-se 5,4%, passando de 45,95 por um dólar em 2008-09 para 48,57 por um dólar no atual ano fiscal.

US\$ 100 bilhões de Private Equity em 2012



Após uma calmaria, os investimentos de capitais privados no setor da infra-estrutura devem retomar no final do ano, alcançando US\$ 100 bilhões em 2012.

Segundo a empresa global de pesquisa de mercado Prequin, o interesse dos investidores deve retomar no final de 2009 e começar a compensar o déficit atual. "Em 2010-2011, prevemos que o levantamento de fundos para o setor da infra-estrutura vai recuperar as atividades de arrecadamento de fundos do período pré-2009.

O relatório intitulado 'Infrastructure Spotlight' previu que o valor total de "infrastructure dry powder" (capital disponível para as transações) deve alcançar o patamar histórico de 100 bilhões em 2012." Na primeira metade de 2009, três fundos de infra-estruturas de capitais privados arrecadaram US\$ 3,5 bilhões enquanto os investimentos venceram no primeiro trimestre.

O relatório acrescentou que em junho de 2009, os fundos de capitais privados investidos no setor da infra-estrutura eram garantidos por reservas totalizando o valor recorde de US\$ 71,5 bilhões, demonstrando um aumento expressivo desde 2003.

Os fundos de infra-estrutura de participações privadas são recursos, geralmente com estrutura societária limitada, que não são cotados nos mercados de valores. Porém, Prequin observou que as atuais dificuldades encontradas no levantamento de fundos podem levar a uma diminuição de reservas para os gerentes de fundos, uma vez que os investidores ficam avessos aos compromissos integrais, preferindo financiamentos graduais.

Economia indiana cresce 6,1%



A economia indiana registrou um crescimento acelerado de 6,1% no primeiro trimestre desse exercício fiscal contra 5,8% no trimestre anterior, graças ao bom desempenho e à indústria dos serviços, segundo dados oficiais divulgados em 31 de agosto.

Os crescimentos apresentados pelos setores agrícola (2,4%) e manufatureiro (3,4%) permaneceram abaixo da média indiana, de acordo com os números do Produto Interno Bruto (PIB) publicados pela Central Statistical Organisation (CSO), em Nova Delhi.

"Os resultados estão de acordo com a tese que defendemos," afirmou o Vice-presidente da Comissão de Planejamento, Montek Singh Ahluwalia. "Isso mostra claramente que o pior da crise já passou," disse aos repórteres, comentando os números da produção nacional. Foram os grupos de telecomunicações, transporte, hotelaria e comércio que apresentaram o melhor desempenho, enquanto os setores dos bens imóveis e serviços financeiros cresceram 8,1%, seguidos pelo setor das minas com 7,9% e a construção com 7,1%. "A economia indiana emergiu das turbulências criadas pela crise financeira mundial," disse o Diretor da Confederação das Indústrias Indianas (CII), Chandrajit Banerjee. "Os números indicam que a economia saiu do fundo do poço." Compartilhando a mesma opinião, Harsh Pati Singhania, presidente da Federação Indiana das Câmaras de Comércio e Indústria (FICCI), disse que esperava que alguns setores, particularmente os serviços, acelerassem o crescimento nos próximos meses.

Índia e Brasil são os mais competitivos

Mercados florescentes e um setor bancário sólido ajudaram a impulsionar a economia indiana levando à 49ª posição na classificação mundial de competitividade, enquanto a Suíça derubou os Estados Unidos no topo, de acordo com o Fórum Econômico Mundial, no dia 8 de setembro.

Os Estados Unidos caíram para o segundo lugar, seguidos por Cingapura, Suécia e Dinamarca entre os cinco primeiros, segundo o ranking anual das economias mais competitivas. Entre os 133 países que figuram na lista, três nações do grupo BRIC — Brasil, China e Brasil — melhoraram a competitividade enquanto a Rússia apresentou uma queda acentuada. Ambos Índia e China subiram uma posição para o 49º lugar e 29º lugar, respectivamente, no últi-



mo ranking. No ano passado, a Índia ocupava a 50ª posição e a China a 30ª. O Brasil melhorou 8 posições, ocupando o 56º lugar neste ano.

“O desempenho competitivo indiano apresenta ainda uma estrutura de desenvolvimento invertida. Supera muitas economias avançadas em termos de sofisticação

de negócios e capacidade de inovação. A Índia orgulha-se de seus mercados financeiros dinâmicos e de um mercado bancário sólido, sustentado por instituições eficazes e funcionais,” disse o WEF em seu relatório.

Em termos de instituições eficazes e funcionais, a Índia classificou-se em 54ª posição, ocupando a 16ª e 25ª posição em matéria de mercados financeiros e de setor bancário sustentado por um vasto mercado interno.

Em contrapartida, o relatório apontou que o desempenho da Índia era inferior em alguns critérios de competitividade, particularmente infra-estrutura, saúde e educação primária.

“Além disso, as taxas de penetração de telefonia móvel (116%), Internet (104%) e

computadores pessoais (96%) permanecem entre as mais baixas do mundo, enquanto a ineficiência do mercado do trabalho (83%) impede aproveitar melhor o capital humano.

Um avanço nessas áreas colocaria a Índia numa trajetória de crescimento mais sólida para o futuro,” disse WEF.

O ranking tem como base doze fatores de competitividade, incluindo instituições, infra-estrutura, estabilidade macro-econômica, saúde e educação primária, educação superior e formação.

Os outros critérios considerados são a eficiência de mercado de consumo e trabalho, sofisticação do mercado financeiro, desenvolvimento tecnológico, tamanho de mercado, sofisticação e inovação de negócios.

Mercado de plantas medicinais ultrapassa INR 145 bilhões

O mercado indiano de plantas medicinais cresce rapidamente e deve atingir a marca de INR 145 bilhões, enquanto as exportações devem totalizar INR 90 bilhões em 2012. A Índia é seguida pela China como maior produtora de plantas medicinais, representando mais de 40% da biodiversidade mundial, declarou o dirigente de Ayushkati Ayurved, Pankaj Naram, em Nova Delhi. No nível mundial, a indústria ayurvédica representa US\$ 3 bilhões e está conquistando aceitação dos consumidores como sistema alternativa de saúde e medicamentos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que o mercado mundial de plantas medicinais vai atingir US\$ 5 trilhões em 2050.

Segundo um estudo sobre o potencial



comercial do setor, atualmente, o mercado indiano de plantas medicinais representa US\$ 1,7 bilhão com exportações de matérias primas e de medicamentos à base de plantas acumulando US\$ 902 milhões.

Os produtos vendidos sem receitas representam 20% do mercado da saúde nos Estados Unidos, enquanto, na Índia, representam apenas 5% dos INR 190 bilhões gerados pela indústria nacional.

Há 20 anos no mercado dos produtos ayurvédicos, a importante empresa Ayushkati Ayurved contribui ao desenvolvimento do mercado indiano dos medicamentos à base de plantas.

Por meio de uma subsidiária, a empresa controla uma clínica em Nova Iorque com médicos atuando em clínicas de Chicago, Los Angeles, Seattle, Florida, etc. Além disso, a subsidiária Ayushkati BV Netherlands abastece distribuidores em Londres e em outros países europeus tais como Itália, Alemanha, França e Suíça. Ayushkati já ajudou mais de 500.000 doentes de asma, diabetes, psoríase, dor nas costas, obesidade, fadiga crônica, pressão arterial e infertilidade em 108 países, acrescentou Naram.

Accor deve investir US\$ 130 milhões na Índia



Embara a atual recessão imponha uma redução nos planos de expansão da maior parte dos grupos hoteleiros, Accor Hospitality declarou que investirá US\$ 130 milhões na construção de 50 hotéis em 2012. Accor é o maior grupo hoteleiro na Europa com 4.000 hotéis em 90 países.

“As receitas dos hotéis das categorias sofisticada e média sofreram prejuízos severos devido à recessão mundial. Porém, estamos otimistas em relação às perspectivas de crescimento na Índia,” disse Michael Issenberg, presidente e diretor executivo das operações de Accor Ásia Pacífico.

Accor opera atualmente cinco hotéis e um centro de convenção na Índia com 1.100 quartos. Nos próximos três anos, a empresa oferecerá 10.460 quartos em 50 hotéis situados em 15 cidades.

“No ano passado, a ocupação dos quartos diminuiu de 10% a 15%, o que deve continuar nos próximos meses. Apesar disso, projetamos em breve um crescimento positivo da taxa de ocupação dos quartos.

Thermax cria joint venture nos EUA

No dia 26 de agosto, o fornecedor indiano de soluções energéticas Thermax anunciou a criação de uma joint venture com a empresa de infra-estrutura norte-americana SPX Corporation.



Thermax controlará 51% do capital acionário do empreendimento conjunto, SPX ficará com 49% e a nova empresa será situada em Pune, segundo uma declaração,

A joint venture vai atender a procura em forte alta no setor energético indiano, com base na tecnologia reconhecida de SPX Balcke-Dürr.

O acordo foi assinado pelo diretor geral de Thermax, M.S. Unnikrishnan e o presidente de SPX, Drew Ladau. “O empreendimento conjunto com Thermax na Índia representa um avanço significativo nos planos de expansão mundial da empresa,” disse Christopher J. Kearney, presidente diretor executivo de SPX.

“Estamos ansiosos para reforçar nossa colaboração de trabalho através desta estratégica joint venture de longo prazo,” disse Unnikrishnan.

Índia é o maior mercado de energia renovável

A Índia é o mercado de energia renovável mais desenvolvido da Ásia do Sul com um movimento de vendas de cerca de US\$ 500 milhões, representando apenas uma parte do potencial do país, afirmou um relatório da ONU sobre a mudança de clima. “As iniciativas indianas — National Electricity Policy, Renewable Energy Plan 2012 etc. — ajudaram o país a se tornar o mercado energético mais desenvolvido da Ásia do Sul,” escreveu o relatório ‘World Economics and Social Survey 2009’, publicado recentemente pela ONU.

Observando que a Índia produz 3.500



MW de eletricidade a partir de fontes de energia renováveis, a pesquisa intitulada ‘Promoting Development Saving the Planet’ disse: “É apenas uma fração do potencial total, estimado em 100.000 MW.”

Apesar do investimento no valor de US\$ 1 bilhão em energia solar, eólica e em outras fontes de energia limpa, a eletricidade produzida a partir das energias renováveis representa ainda menos de 1% da produção total do país. A pesquisa comentou: “É por isso que muitas tecnologias renováveis tais como as turbinas eólicas operam de maneira intermitente e não funcionam com plena capacidade.”

Ford Índia amplia capacidade de produção em Chennai

Ford India amplia a capacidade de produção da unidade de Chennai de onde sairá o novo pequeno carro do fabricante mundial de automóveis.



Falando com os repórteres, Michael Boneham, presidente diretor geral da empresa, disse que cerca de 70% do investimento de US\$ 500 milhões foi usado para ampliar a capacidade de produção da usina de Chennai e para construir uma nova unidade de fabricação de motor diesel. A área de produção foi

aumentada de 100 para 150 hectares, além da construção de um armazém de 12 hectares para componentes e peças automotivas. A empresa pretende concentrar a fabricação de cerca de 85% dos componentes. A

automatização da empresa também aumentou 30% com a instalação de 92 robôs na fábrica. “No próximo ano, planejamos aumentar a produção e atingir 330 unidades por turno contra 150 unidades atualmente. Desta maneira, poderemos duplicar a capacidade instalada de 100.000

unidades por ano,” acrescentou ele. A usina de fabricação de motores diesel começará a operar no próximo ano, acrescentou Boneham. Quanto ao pequeno carro, a empresa se concentrará nos mercados internos antes do início das exportações.

A instalação de Chennai será a primeira unidade de produção da Ford onde será introduzido o novo processo de pintura chamado Three-Wet High e o novo conceito ‘Endeavor’. O processo aumenta a durabilidade e a resistência a raspagens, disse Tom Chackalackal, vice-presidente de fabricação.

Vendas de carro alcançam 1 milhão

Os lançamentos de carros novos, os melhores juros oferecidos e um aumento precoce da demanda no período das festas ajudaram a indústria automotiva a manter um forte crescimento de vendas em agosto, ultrapassando a marca de 1 milhão de unidades vendidas, pela primeira vez, nesse ano fiscal.

As vendas de veículos comerciais apresentaram uma alta pelo segundo mês consecutivo, crescendo 18,5% com 40.624 unidades em agosto contra 34.289 unidades no mesmo período do ano passado. As maiores vendas foram registradas no segmento dos caminhões leves devido ao aumento da procura nos mercados rurais e nos setores da infra-estrutura e dos bens de grande consumo (FMCG, sigla em inglês). As vendas de veículos comerciais apresentavam um crescimento negativo durante quase todo o ano, se recuperando rapidamente em julho. De acordo com os dados da Sociedade dos Fabricantes Automotivos Indianos (SIAM, em inglês), as vendas de



carro em agosto chegaram a 1.008.000 unidades, 24% acima do mesmo período no ano passado. Em grande medida, foi devido ao aumento da demanda de carros de passageiros que cresceu 26% com 100.200 veículos seguidos pelos veículos duas rodas que cresceram 25% com 700.760 unidades no mesmo mês.

O maior fabricante indiano de carros, Maruti Suzuki, registrou um crescimento de 29% de vendas com 69.691 unidades, dominando totalmente o segmento dos carros nacionais. As exportações da empresa

aumentaram 156% em agosto.

"Uma forte demanda no mercado interno e, provavelmente, o período das festas, além dos incentivos europeus para se livrar de carros usados, estimularam as vendas da empresa. Esta tendência vai continuar na segunda metade do ano e queremos aumentar a produção para atender a demanda," disse um dirigente de Maruti. Hyundai Motor India, outro importante fabricante indiano de automóveis, cresceu 13% com 24.401 unidades vendidas em agosto, comparado ao mesmo período no ano passado.

Os analistas do setor automotivo afirmaram que as vendas podem aumentar durante o período das festas. "As vendas de carros foram expressivas no período anterior às festas e os movimentos de vendas devem aumentar nas próximas semanas a partir de meados de setembro," disse Vaishali Jajoo, analista na empresa de corretagem de Mumbai, Angle Broking.

Receitas de anúncios devem crescer 65%



As receitas de anúncios devem crescer mais de 65% na segunda metade

do ano, revela uma pesquisa. Neste ano, o setor registrou apenas INR 74,52 bilhões de 1º de janeiro a 30 de junho, uma quantia abaixo do mesmo período no ano passado, segundo a revisão das previsões para o mercado publicitário em 2009 de Pitch Madison Media.

Porém, o cenário parece melhor para a indústria da mídia. "Nossas previsões detalhadas para o período de julho a dezembro mostram que ao contrário da primeira metade do ano, em que o setor da mídia movimentou somente INR 74,52 bilhões, o setor lucrou INR 123,25 bilhões na segunda metade. Isso representa um salto de 65% comparado à primeira metade do ano," disse o presidente de Madison Media, Sam Balsara. "Segundo os dados revisados, esperamos um crescimento negativo de 5% para o ano inteiro. O setor deve encerrar o ano civil de 2009 com receitas no valor de INR 197,77 bilhões contra INR 207,17 bilhões em 2008," disse Amit Agnihotri, co-fundador do grupo exchange4media e editor de Pitch magazine.

De janeiro a junho, a publicidade ao ar livre e no cinema cresceram muito mais com 30% e 37% respectivamente. A Internet foi a única mídia que registrou um crescimento de 16% na primeira metade do ano.

Exportações de TI devem crescer acima de dois dígitos



Devido aos sinais de recuperação nas economias européia e norte-americana, a Associação Indiana das Empresas de Software e Serviços (Nasscom) espera que as exportações de tecnologia da informação registrem um crescimento acima de dois dígitos. "Acreditamos que as exportações de serviços de tecnologia da informação e de software alcancem um

crescimento de dois dígitos, após a recuperação das economias norte-americanas e européias, atingidas pela crise mundial," disse aos repórteres o Presidente da Nasscom, Pramod Bhasin, em Chandigarh. Diante da demanda fraca em outsourcing nos EUA e na Europa, que são os principais mercados das empresas indianas, a Nasscom previu inicialmente um crescimento das exportações na faixa de 4% a 7% com US\$ 48-50 bilhões em 2009-10. Em 2008-09, a indústria cresceu mais de 16% com US\$ 46,3 bilhões.

Cognizant adquire consultoria nos EUA



Cognizant Technology Solutions Corp., empresa cotada no Nasdaq, anunciou no dia 8 de setembro a aquisição de Pepperweed Advisors, divisão dos serviços de consultoria informática da empresa norte-americana Pepperweed Consulting. Sediada em Nova Jersey, Cognizant, que presta serviços de BPO, tecnologia e consultoria, pos-

sui mais de 50 centros globais de entrega com mais 64.000 funcionários, a maioria deles na Índia.

"A aquisição traz perícias em consultoria estratégica para a divisão de Serviços de Infra-estrutura Informática da empresa," declarou Cognizant. O grupo já adquiriu a consultoria norte-americana SVC e o provedor de serviços profissionais AimNet. Pepperweed Advisors declarou utilizar modelos de melhores práticas e software exclusivos para prestar serviços de consultoria

para empresas de tecnologia da informação.

"Saudamos a entrada de Pepperweed Advisors no grupo Cognizant no momento em que reforçamos nossa oferta 'Cognizant Business Consulting'," disse Francisco D'Souza, Presidente Executivo de Cognizant. "Pepperweed nos ajuda a aperfeiçoar a gama de serviços de consultoria ITIS, ampliando nossa capacidade de servir consultoria confiável aos clientes,"

ECB acima de US\$ 2 bilhões em julho

Pela primeira vez desde setembro de 2008, as empresas indianas captaram mais de US\$ 2 bilhões via empréstimos em moeda estrangeira (ECB). De acordo com os últimos dados divulgados pelo RBI (banco central indiano), em julho, as empresas indianas captaram US\$ 2,02 bilhões via empréstimos em moeda estrangeira (ECB) contra US\$ 2,47 bilhões no mesmo período do ano passado. Entre abril e julho deste ano fiscal, o valor total dos contratos ECB foi de 4,73 bilhões contra US\$ 6,52 bilhões no mesmo período do ano passado.



Um quarto dos US\$ 2 bilhões captados em julho desse ano resulta do empréstimo de US\$ 500 milhões, contraído no exterior por Vedanta Aluminium para satisfazer suas despesas em rupias. Um outro importante operador no mercado ECB foi Sasan Power, do grupo Anil Dhirubhai Ambani, que arrecadou US\$ 486 milhões em bens de capital.

Os banqueiros afirmam que levará tempo para que as empresas ampliem os empréstimos no exterior, uma vez que ainda há um fator custo e que as empresas indianas são cautelosas diante da expansão das instalações.

Modelo brasileira Giselle Monteiro na Índia

A jovem beleza brasileira, Giselle Monteiro, foi elogiada pelo papel de Harleen Kaur em 'Love Aaj kal'.

Sua aparência indiana conquistou também inúmeros fãs. Giselle diz que estava destinada para ir à Índia e atuar no cinema. "Meu pai me chamava de indiana quando eu era criança e cantava canções sobre a Índia para mim," disse ela. "Mas a verdadeira fonte de inspiração foi uma novela brasileira," revelou Giselle. "A novela despertou o interesse do Brasil pela Índia," acrescentou ela. Giselle, grande fã de novelas, afirma que as culturas, tradições e cores da Índia a entusiasmaram. "Conhecida pelo título de 'Caminho das Índias', a telenovela com expressões em hindi e diálogos em português, despertou o interesse dos brasileiros. Expressões em hindi, ioga, meditação e danças indianas estão em destaques na obra," comentou Giselle. A tal ponto que Giselle decidiu praticar ioga e aprender a cozinhar comida indiana.



Museu estilo “Madame Tussauds” na Índia — com temática de Gandhi

Crianças estudando numa escola tradicional Gurukul à sombra de uma árvore, agricultores almoçando no campo, vaqueiros tirando leite das vacas ... A cena é a de um típico vilarejo indiano — mas nenhuma alma se movimenta. Situado a 400 quilômetros ao sul de Mumbai, no distrito de Kolhapur, o museu Siddhagiri, com esculturas realistas, é a resposta indiana ao museu Madame Tussauds de Londres.

“Apesar de ser inspirado pelo museu de cera de Madame Tussauds, o conceito provém da filosofia de Gandhi que dá importância à economia rural,” explica Adrushya Kadhshidheshwar Swami, presidente do Trust Siddhagiri Gurukul que construiu este museu exclusivo. “Gandhi queria que cada vilarejo fosse uma entidade independente, desempenhando um papel na economia nacional.”

O museu também exibe vários sábios indianos do passado. Assim, embaixo de uma árvore enorme, acontece uma aula que segue a tradição gurukul. “É o grande Maharishi Patanjali que dá aula no antigo estilo indiano,” disse Adrushya Swami, 27º líder do Siddhagiri Math, centro de peregrinação hindu já há muitos anos.

Alguns metros à frente, uma estátua de tamanho natural representa o sábio Kashyap tratando uma criança doente, enquanto, no outro lado, Maharishi Kanaad realiza um experimento científico e Maharishi Varahamihir dá uma aula de astronomia.

A ‘zona comercial’ do vilarejo possui lojas onde são trocados objetos de uso cotidiano. Um vaqueiro ordenha suas vacas e troca leite fresco, um ferreiro trabalha arduamente enquanto sua mulher, dentro de casa, olha para fora.

O museu se autodenomina centro de exposições ao ar livre. “É uma tentativa de retratar o funcionamento da antiga economia rural indiana, completamente auto-suficiente, onde cada indivíduo tinha seu papel produtivo com lucros adequados e



Patanjali: o grande Maharishi Patanjali dando aulas no estilo tradicional Gurukul

Ao contrário do museu Madame Tussauds, onde a cera é o principal material, todas as mais de 1.000 imagens no Museu Siddheshwar foram feitas de pedras e tijolos, estofadas com tela metálica fina. As imagens foram moldadas com cimento fresco por cerca de 80 pedreiros qualificados.

onde não havia discriminação,” disse Adrushya Swami.

Ao contrário do Madame Tussauds, não há “super estrelas internacionalmente famosas” que servem de modelo, mas pessoas comuns que moravam e trabalhavam nos antigos vilarejos indianos.

Também, ao contrário do Madame Tussauds onde a cera é o principal material, as mais de 1.000 peças do Museu Siddheshwar foram construídas com pedras e tijolos, estofadas com tela metálica fina.

As figuras foram modeladas com cimento molhado por cerca de 80 pedreiros qualificados.

Depois que o cimento secou e se solidificou, um grupo de 60 artistas assumiu o papel principal com uma bateria de cores.

Pintaram detalhes perfeitos em cada peça, seja de um humano ou animal, seja do ambiente ao redor. Uma iluminação mínima realça as peças, apresentando um cenário com aparência natural.

Apesar das condições meteorológicas de extremo calor, frio e chuva que marcam o sul do Maharashtra, as figuras do museu têm resistido às destruições climáticas desde a criação há dois anos, disse o curador Sanket Sagvekar.

“Construído numa parcela de 3,5 hectares, no interior do conjunto de 13 hectares Siddhagiri Math, centro de peregrinação com mais de 800 anos, o projeto inteiro custou cerca de INR 10 milhões, financiado por doações em dinheiro e serviços de devotos,” disse Sagvekar.

Adrushya Swami disse que o museu acompanhará os recentes desenvolvimentos da tecnologia. Um mini-museu foi criado para isso. “Haverá bancos, unidades de processamento de cereais, legumes e frutas, mercados animados, cybercafés, escolas modernas, faculdades e outras infra-estruturas que vão promover os vilarejos ao nível global. Isso pode conter o êxodo da população rural para centros urbanos e abrir o caminho para o desenvolvimento geral da Índia,” disse Adrushya Swami.

O museu está cada vez mais famoso. No início com algumas centenas de visitantes, ele agora atrai uma média de 15.000 visitantes diários, graças aos quais Siddhagiri Math ganha uma renda importante.

O dinheiro é reinvestido, em parte para aumentar o museu com novas exposições que são realizadas regularmente. O resto vai para a construção de outras infra-estruturas para os vilarejos nos arredores.

O Math agora quer espalhar suas asas para fora da região de Kolhapur.

Existem planos para criar projetos semelhantes em ou ao redor de grandes centros urbanos como Mumbai, Pune, Nagpur e, em seguida, em todo o país, disse Sagvekar.



Uma estátua em tamanho real do sábio Kashyap tratando uma criança doente



No estado de Himachal Pradesh, próximo ao desfiladeiro Chanderkhani no Vale de Kulu, existe um vilarejo tranquilo e pitoresco, com cerca de cem casas de telhado de pedra, denominado Malana. Se estiver procurando férias tranquilas, longe da agitação das grandes cidades, Malana é o lugar ideal para ficar perto da natureza. Malana tem cerca de 1.500 habitantes e possui um engenhoso sistema de administração com um tribunal superior e inferior guiado pelo espírito do deus do vilarejo chamado 'Jamlu'. O vilarejo destaca-se como uma unidade autônoma e auto-suficiente, cujos habitantes reivindicam uma ascendência grega. Os habitantes acreditam que Alexandre, o Grande passou por Malana durante a conquista da parte norte da região de 'Hind'.

Também chamado de 'Pequena Grécia', situado nos Himalaias, o vilarejo é considerado um objeto de estudo sociológico devido à arquitetura singular, ao idioma, aos rituais religiosos e ao sistema administrativo. A localização geográfica de Malana ajudou a preservar sua rica biodiversidade.

Malana conecta-se a Kulu por três passagens nas montanhas — a partir do Vale de Parvati passando a garganta Rashol a 3.180 metros de altitude e via Nagar, atravessando a garganta Chanderkhani com 3.600 metros de altura. No entanto, a maneira mais fácil de se chegar a Malana é a partir de Jari, uma pitoresca trilha de 23 quilômetros. Jari fica a duas horas de carro de Kulu e está situado na confluência dos rios Malana e Manikaran nallah, que se juntam para formar o rio Parvati.

Há uma lenda popular sobre a origem de Malana. Segundo a lenda, Jamdagni Rishi, pai de Parashuram — uma das 10 encarnações do deus Vishnu — invocou Shiva, um dos deuses da trindade do Hinduísmo. Jamadagni pediu ao deus Shiva para encontrar um lugar isolado, com uma natureza rica. Shiva disse-lhe para ir a Malana. Seus dois irmãos também seguiram o sábio. Para evitar o encontro com os filhos, o sábio criou um nevoeiro no vale e disse que não se tratava do lugar adequado. Os



MALANA: UTOPIA PERDIDA

irmãos foram embora, um foi a Lahoul e o outro seguiu até o Vale Banjar. Naquele tempo, um demônio chamado Banasura era o dono do belo lugar. O conflito entre os dois terminou com um tratado de paz. Conforme os termos do acordo, a administração e a justiça seriam tratadas separadamente. A administração permaneceu com Banasura, enquanto a justiça foi entregue ao sábio. Em caso de litígio na administração, o poder judiciário deveria resolver

o problema. A língua Kanashi tornou-se obrigatória para aqueles que viviam em Malana, como também os costumes e tradições predominantes. Durante as festas religiosas, o primeiro sacrifício era oferecido a Banasura.

No entanto, com o passar do tempo, Jamdagni tornou-se mais importante que Banasura, mas o vilarejo manteve as tradições, seguidas ainda hoje.

Malana está dividida em duas partes — a alta Malana (Dhara Beda) e a baixa Malana (Sor Beda). Com exceção de duas famílias denominadas Lohars e Julahas que vieram ao vilarejo como percussionistas, Malana é habitada principalmente por Rajputs. Existe um caminho de pedras que passa pelo centro do vilarejo de onde se pode observar as pessoas descansando ou jogando dados, chamados de panji.

As hospedarias (dharamshala) no centro do vilarejo são decoradas com esculturas em madeira retratando a flora e a fauna, com pavões, cavalos, elefantes, pássaros, dançarinos e várias flores.

Em Malana, as casas possuem dois ou três andares e cada andar tem uma função e um nome específicos. O andar inferior é denominado khudang, que serve de curral onde são armazenadas a lenha e a forragem para ovinos e caprinos. O primeiro andar denominado gaying é usado para armazenar alimentos, madeira e tecido de lã para tecelagem. O andar superior, com

Como Chegar

Via aérea: O aeroporto mais próximo situa-se em Bhuntar, a 13 quilômetros de Jari. Jari fica a 6 quilômetros de Malana.

Via terrestre: acesso por Manikaran, Jari ou Kullu. Porém, para chegar a esses lugares, é preciso seguir uma trilha até Malana.

uma varanda, é chamado de pati.

É o andar onde vivem as pessoas. As casas são construídas com camadas alternadas de pedra e madeira. As paredes internas são cobertas de lama. A fachada externa é inteiramente feita de madeira.

Kanashi, a língua de Malana, não se assemelha a nenhuma língua falada na vizinhança, mas parece ser uma mistura de sânscrito e vários dialetos tibetanos. Esta espécie de mistura torna difícil a compreensão do idioma para o visitante. O idioma também é considerado como um dos segredos do vilarejo e os visitantes não têm autorização para usá-lo na comunicação. As famílias Julaha e Lohar, que residem no vilarejo há cinco décadas, não estão autorizadas a falar Kanashi.

Dois importantes festivais são celebrados em Malana. Badoh mela é comemorado em agosto e Fagdi mela, em fevereiro. Durante os festivais, há um grande número de visitantes provenientes dos vilarejos próximos. São apresentadas relíquias sagradas de Jamdagni Rishi, na forma de instrumentos, jóias e peças de vestuário. Homens e mulheres dançam com indumentárias tradicionais constituídas por pijamas justos e adereços chola, kalgi na batida dos instrumentos nagara, shanani, karnali e narsingha.

Sem dúvida, a viagem para Malana é fascinante, repleta de emoção e diversão graças ao estilo de vida exemplar do vilarejo.



Declaração de Exoneração de Responsabilidade: Notícias da Índia reúne conteúdos de fontes diversas e as visões expressas em entrevistas e artigos publicados não representam necessariamente as visões da Embaixada ou do Governo da Índia.

Impresso e Publicado pela Embaixada da Índia, SHIS QL 08, Conj. 08, Casa 01, Lago Sul, Brasília-DF 71620-285, Brasil
Tel: 55-61-3248 4006 Fax: 55-61-3248 5486 E-mail: indemb@indianembassy.org.br Website: www.indianembassy.org.br